

Invasores apreensivos com remoção

Marcello Sigwalt
Da equipe do **Correio**

As cinzas de barracos queimados na Favela da Encol, na manhã de ontem, lembravam os rescaldos de uma guerra. Após a remoção de 48 barracos na última terça-feira, nos rostos dos quase 800 moradores (correspondentes a 212 barracos) restou apenas a expectativa de que o Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (Idhab) cumprisse a promessa de reassentá-los no novo endereço. A QN 8 do Riacho Fundo II.

O cronograma do Instituto foi cumprido à risca. Os primeiros 40 barracos cadastrados foram transferidos para o novo local pelos caminhões da Novacap. Essa rotina permanecerá até que o último seja removido.

O esquema de segurança na favela foi substancialmente reduzido. Um grupamento de quatro soldados da Polícia Florestal foi o primeiro a chegar. Os militares estavam instruídos a impedir que algum morador revoltado ateasse fogo em seu barraco, colocando em risco toda a favela. Um pouco mais tarde, pequenos grupos de PMs e três soldados a cavalo apenas observavam a retirada dos moradores.

Por volta das 9h30, a diretora de Planejamento do Ipdef, Tássia Regino, resolveu conferir pessoalmente o andamento da operação. Não ficou muito tempo. Ainda na entrada da favela, foi cercada por moradores indignados. A maior parte das reclamações se concentrava no tratamento desigual para o cadastramento.

Para a concessão dos lotes, os principais critérios são: residir há pelo menos cinco anos no DF e já não ser proprietário de lotes. Tássia argumentou que o cadastramento teve início há um ano e meio, tempo suficiente, segundo ela, para que as correções fossem feitas.

APREENSÃO

Apreensiva, Rosa Mendes, 47 anos, queria que Tássia apresentasse uma solução para uma de suas filhas. Roseneide Pontes Parente, de

Jorge Cardoso



Simone Rocha desmontou seu barraco que funcionava como marcenaria: receio de não poder seguir com o negócio

26 anos, não pôde se cadastrar porque seu ex-marido já tinha lote. A diretora explicou a Rosa que seria preciso comprovar em cartório e na Justiça a separação de Roseneide, já

consumada há oito anos.

Rosa Mendes não se conforma com a idéia de se separar da família — ela deve ser transferida para o seu lote, no Riacho Fundo II — mas as fi-

lhas e os netos não podem acompanhá-las. Natural de Frecherinha (Ceará), Rosa pretende vender por R\$ 4 mil o trailer de sua propriedade para montar um pequeno co-

TRANSFERÊNCIA

O Instituto de
Desenvolvimento
Habitacional vai
retirar diariamente

40

barracos da
invasão da Encol

mércio próximo à nova moradia.

Fechado para balanço. Essa era a imagem do barraco-mercearia, a maior da Favela da Encol, literalmente desmontado em menos de um dia pelo casal Simone Rocha, 25 anos, e Wladimir Rodrigues Carvalho, de 27. Eles foram obrigados a dormir ao relento e enfrentar o vento frio até que o sol reacendesse suas esperanças de um novo começo.

Com seu barraco ao chão, a primeira providência de Simone foi mandar os três filhos (de seis, quatro e dois anos) para a casa de parentes na cidade mineira de Prata — próxima a Patos de Minas. "Vou deixá-los lá por alguns dias, até poder voltar a cuidar deles", explica, zelosa, a mãe.

O casal acabou sendo mais rápido do que os homens da Novacap. Teve de esperar toda a manhã e parte da tarde de ontem até que seus pertences fossem carregados no caminhão. Enquanto Simone acompanhava a remoção do barraco, Wladimir já a esperava no Riacho Fundo II, ponto final da viagem.

Simone confessou sua preocupação com a impossibilidade de continuar sua atividade comercial no novo endereço. "Fiquei sabendo que o lote é pequeno, não tem mais do que 20 metros quadrados. Se isso é verdade, não poderei remontar meu negócio", lamenta-se.

A diretora de Planejamento do Idhab, Tássia Regino, explicou que poderão ser utilizados lotes mistos para famílias que se dedicam a atividades comerciais, como é o caso de Simone e Wladimir.